

OBJETOS PARCIAIS: Na vida e na política

Carmen Souto

Nos últimos tempos tenho lido e ouvido em rádios, jornais, TVs e demais veículos de comunicação matérias do tipo: 1) Âncora é demitido da *Rádio Jovem Pan*, após 21 anos, porque não admitiu o radicalismo da linha editorial de só criticar um lado: “Para mim desde sempre são todos iguais, Lula, Alckmin, Aécio, Temer e milhares de outros que se equivalem, mas a ordem era criticar só o PT” (*Jornal Brasil* 247 de 12/10/2017); 2) Torcida de escola do Rio Grande do Norte provoca time adversário com o refrão “sua mãe é empregada da minha”. Este episódio aconteceu na decisão do campeonato de basquete do IFRN, quando os dois times se enfrentavam na final ouviu-se o refrão acima (*Jornal Tijolaço* de 01/10/2017).

No consultório têm sido frequentes falas como: “Briguei de novo com a família e saí do grupo de *whatsapp*, não aguento mais aqueles comentários que têm nos dividido entre coxinhas e mortadelas, ninguém mais raciocina, pensa, só nos agredimos, ou melhor, me agridem quando manifesto minhas opiniões, não tem debate, ninguém se ouve...” De amigos os comentários também não têm sido diferentes, um chegou a me dizer: “Sabe o que penso? O mundo está dividido e agora será sempre assim, ou você é, ou você não é, não tem mais como negociar”. Lembro de uma coluna, ainda no final de 2016, em que o autor orientava os leitores a como fazer para não brigarem e não romperem relações com os parentes durante as festas de fim de ano, quando o assunto fosse política.

Esse tipo de notícia, comentário ou debate em redes sociais, consultórios, e com ami-

gos e familiares tem me chamado a atenção, pois parece ter como base uma única linha de pensamento, a de que os lados têm seus pontos de vista muito bem definidos e parciais e, portanto, estão impossibilitados de ver o todo, de fazer uma crítica ou mesmo um comentário sobre as suas próprias posições ou sobre as posições contrárias. Estão todos acintosamente defensivos.

Como um ser político e social, resolvi pensar e expor algo dessa reflexão usando o referencial de Melanie Klein, e tentar colocá-la no amplo olhar das relações sociais. No texto *A Vida Emocional do Bebê*, ela nos diz que, a princípio, o bebê não enxerga a mãe, vê apenas o seu seio e este é internalizado como um objeto parcial. Às vezes bom, quando a mãe atende a tempo às suas necessidades de alimentação, proteção, calor, cuidados de limpeza. Outras vezes mau, quando essa mãe, ou o seio, não atende aos apelos na rapidez desejada e o bebê se sente abandonado, desprotegido, atordoado com seus sentimentos e sensações de fome, angústia, desconforto, desamparo. Klein denomina este estágio, nos três primeiros meses de vida, de Posição Esquizoparanoide. Somente mais tarde o bebê vai entender que aquele seio é de sua mãe e esta é uma pessoa inteira; a mesma pessoa que o alimenta, acaricia, dá conforto, limpa, embala, deixa-o esperando com fome, com dor. Quando o bebê reconhece a mãe como um objeto inteiro – integral e não mais parcial –, ele passa para o estágio denominado Posição Depressiva.

No exemplo do jornalista demitido por se

recusar a ser parcial em seus comentários políticos, ele dizia entender que “todos os políticos eram iguais, assim todos os políticos eram ruins”. Não via nada de bom neles, pois entendia a política como algo ruim, que não é bom para a sociedade e, portanto, todos os seus representantes são ruins. Ele tentava de alguma forma ver a política e, conseqüentemente, a sociedade de forma mais integrada. Mas seus chefes e patrões estavam em Posição Esquizoparanoide, enxergando apenas um lado, o de apenas um partido político. Como bebês, ainda não integrados, sem considerarem que os dois lados têm coisas boas e ruins.

Uma parte da sociedade brasileira tem pensado assim, como os chefes e patrões do jornalista nos últimos anos, não reconhecendo que é a política que intermedeia as decisões sociais e negocia com a sociedade e o Estado. Mas, como o seio mau, o jornalista vê os políticos apenas como aqueles que não atendem às suas necessidades, nem às da sociedade, não compreendem os apelos sociais e, portanto, são maus. Esses políticos representam o lado mau, o seio ruim. Seus patrões igualmente dividiam os políticos em bons e maus. Um grupo era bom e o outro ruim. Suponho que, para os chefes e patrões, os políticos bons são os que atendem às necessidades de suas empresas, financeira e politicamente, sempre que necessitam, e os ruins são aqueles que não os atendem.

Uma sociedade ainda pouco desenvolvida não tem seus contratos sociais claramente estabelecidos de forma que, nas cláusulas pactuadas, as competências de cada um tenham sido aceitas e divididas entre todos os segmentos sociais – podemos dizer que ainda está em um estágio primitivo. Esta sociedade primitiva reagirá de forma agressiva, atacando a tudo e a todos como um bebê que se sente perseguido por suas fantasias de aniquilamento.

No segundo exemplo, também vemos um grupo atacando o outro com a intenção de aniquilar esse outro pela humilhação e pela desqualificação. Klein diz que é própria das emoções do bebê sua natureza exagerada e poderosa. Assim o objeto mau é sentido como um terrível perseguidor e o bom é convertido em ideal, cuja gratificação seria ilimitada. Esse mesmo medo persecutório faz surgir a necessidade de proteção que, por consequin-

te, torna o bom excepcional, surgindo assim o sentimento de onipotência. Este sentimento dará ao bebê a sensação de controle sobre o objeto interno e o externo. Nos primeiros tempos da vida do bebê impera a posição esquizoparanoide, relação com o seio amado e odiado, e esta é a primeira relação objetal do bebê, uma relação parcial. Estarão presentes os desejos de gratificação ilimitada ao tempo da ansiedade persecutória; esses dois aspectos do seio materno introjetados formarão o núcleo do superego. Gerando divisão, onipotência, idealização, negação e controle dos objetos internos e externos.

A prepotência e a idealização são oriundas da defesa da perseguição dos objetos maus. Para me defender, eu tenho que fantasiar ser melhor que o outro, e a superioridade se mostra pela capacidade de escravizar e dominar o outro. Nesse estágio o bebê quer destruir o seu perseguidor. No caso dos jogadores do time de basquete, percebe-se que os adversários são pensados como aqueles que sempre estiveram fora, e agora querem também fazer parte de um time, de uma escola, de uma sociedade, de um Estado, em pé de igualdade. Para isso me tiram o que tive de bom até agora, os espaços de prazer: as escolas, os cinemas, as bolsas de estudo, os bons professores, os bons empregos e quem sabe até, no futuro, as garotas mais bonitas.

Nos debates familiares perpassa o mesmo pensamento, pois, como em todos os espaços sociais, a população que sempre teve acesso aos poucos e bons serviços públicos está perseguida pela possibilidade de que o seio não lhe seja inexaurível, e que agora seja relegada às necessidades mais terríveis.



Carmen Souto é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.